

Expresso

19-02-2021

Periodicidade: **Semanal**

Classe: **Informação Geral**

Âmbito: **Nacional**

Página(s): **1,1,8,9**



Hotéis em agonia pedem ajuda urgente

A piscina do Altis, em Lisboa, foi esvaziada pela primeira vez em 50 anos. Um símbolo do desespero de Raul Martins, o rosto da Associação da Hotelaria de Portugal

Expresso

19-02-2021

Periodicidade: **Semanal**

Classe: **Informação Geral**

Âmbito: **Nacional**

Página(s): **1,1,8,9**



TURISMO

Raul Martins Presidente da Associação da Hotelaria de Portugal (AHP)

“Os hotéis estão em SOS e precisam de apoios nesta terceira vaga”



Texto **CONCEIÇÃO ANTUNES**
Fotos **TIAGO MIRANDA**

Mais de 70% estão de portas fechadas, com as receitas a zero, e já sem meios para pagar custos fixos de água, luz ou seguros: é este o “panorama péssimo” dos hotéis com a paralisação da covid-19 segundo Raul Martins, presidente da Associação da Hotelaria de Portugal (AHP) — que esta semana apresentou ao Governo um conjunto de medidas para o sector conseguir resistir ao efeito prolongado da pandemia.

“Chegámos a um pacote, ao qual chamámos SOS Hotelaria, porque de facto estamos em SOS”, frisa Raul Martins. “Convoquei todos os órgãos sociais da AHP, desde a direcção à assembleia-geral, fizemos uma reunião onde todos apresentaram propostas sobre ações a tomar, e foi com esta força associativa que alinhámos uma série de medidas essenciais no curto e no médio prazo.”

Para os hotéis, em janeiro deste ano “houve uma grande descompressão com o apoio no pagamento dos ordenados, pois o primeiro objetivo das empresas é poderem pagar aos seus trabalhadores, e neste momento o pessoal que está em casa sem trabalho recebe a 100%”, refere o presidente da AHP. “Foi um alívio grande, mas decorreu em consonância com o Orçamento do Estado, as medidas anunciadas pelo Governo a 18 de janeiro não tiveram em conta o impacto da terceira vaga da pandemia.”

“De momento as empresas hoteleiras têm apoio para pagar salários, mas não têm para pagar custos fixos que os hotéis têm, mesmo estando fechados, como taxas de água, eletricidade ou seguros”, exemplifica. “A hotelaria tem custos fixos de €100 milhões por

mês. Significa que precisamos de uma linha de tesouraria de €500 milhões para nos aguentarmos seis meses nesta terceira vaga.”

A AHP propôs aqui ao Governo linhas específicas para a hotelaria. “Houve apoios para empresas exportadoras, a linha anunciada de €1000 milhões, que acabou por incluir o turismo por insistência da confederação. Mas o turismo quando chegou já estava tudo tomado pelas exportadoras, os três maiores bancos ao terceiro dia já não tinham disponibilidade”, salienta o presidente da associação.

Acresce-se que os hotéis grandes, os que mais se ressentem com a pandemia, continuam obrigados a pagar Taxa Social Única (TSU), tal como outras empresas de maior dimensão, e a AHP defende que devem estar isentos devido à gravidade com que estão a ser afetados pela surto.

“Já há vários hotéis, do norte do país ao Algarve, que têm salários em atraso porque não têm dinheiro para pagar a TSU. E se não conseguem pagar a TSU, a Segurança Social não paga os ordenados e no mês seguinte já não têm apoios, porque existe a obrigação de ter os impostos em dia. É um círculo vicioso porque as grandes empresas se não têm receitas, não têm meios para pagar custos fixos, em especial a TSU”, sustenta Raul Martins, frisando que na visão do Governo imperou “um modelo industrial, mas os hotéis são diferentes das fábricas, não podem estar abertos uma semana e depois na outra decidir não estar, porque têm clientes em contínuo, mesmo sendo poucos”.

As moratórias são outra prioridade no pacote de medidas de SOS proposto pela AHP ao Governo, que apela aqui a uma prorrogação dos prazos por mais três anos, pelo menos. “Precisamos de 2022 e 2023 para pagar os empréstimos que houve para a tesouraria, e só depois começamos a poder pagar os empréstimos de longo prazo, que têm de ter uma moratória que passe para 2024. Se as moratórias

forem por um período pequeno, não adianta”, nota o presidente da associação hoteleira, lembrando que os empréstimos covid entram a breve trecho no período de carência e vão começar a ter de ser pagos, mas as empresas hoteleiras não têm condições.

“Lisboa e Porto têm de criar vouchers como fez a Califórnia”

“Se as moratórias não forem prorrogadas, os hotéis entram em incumprimento, e depois vão à falência”, adverte Raul Martins. Até à data não há sinal de muitas falências no sector, por serem “processos que demoram tempo até se executar, mas o que já se nota neste momento é muitos hotéis à venda, especialmente no Algarve”.

Para o presidente da AHP, “se 2021 for um ano que dê zero, já é muito bom”. E explicita que “supondo que a partir de junho temos uma ocupação média de 50%, que corresponde a 25% do ano — o que dá zero porque o *break even* anda nos 25% — isso já seria bom nas atuais circunstâncias, agora, não

dá é para pagar um tostão de dívida de tesouraria”.

Outra proposta da AHP passa por criar ofertas para atrair turistas às cidades na altura em que o turismo reabrir, prevendo o efeito de baixa de preços por procura reduzida. “As cidades sofreram mais com a pandemia, e no próximo reabrir também vai ser assim, as pessoas vão querer ir para sítios mais desafogados, para o campo e onde há menos aglomerações”, antecipa Raul Martins, defendendo que “para a reabertura, as cidades têm de criar vantagens e melhores condições para atrair turistas, e Lisboa e Porto devem criar vouchers como se faz na Califórnia ou na Sicília”. Segundo Raul Martins, o voucher poderia ser no valor de €50 (na Califórnia é de 100 dólares), e o projeto deve ser assumido pelas câmaras de Lisboa e do Porto “que têm as receitas das taxas turísticas e devem usá-las para este fim”.

O presidente da AHP concorda que nesta fase tem de haver confinamento em Portugal por razões de força maior. “Nós, hoteleiros, temos consciência de que a situação sanitária do país é complexa, e só há uma hipótese que é fechar tudo”, frisa Raul Martins. “Até ao fim de março o confinamento vai manter-se, seguramente, e só podemos ir abrindo à medida que tivermos mais gente vacinada. A abertura do turismo será gradual, e há de estar relacionada com a vacinação”.

De acordo com o responsável, “podemos prever que só no final de agosto, em que se diz que 70% da população ficam vacinados, a situação fique aberta e mais normalizada”.

“E os ativos de valor, como os hotéis, têm de ser mantidos. Sabemos que vamos precisar de empréstimos à tesouraria, que demoram mais tempo a pagar, mas que terão o seu real valor quando o turismo voltar”, conclui Raul Martins. “E não tenho dúvidas de que, apesar de estarmos com algum atraso, o turismo voltará a ser o motor da retoma da economia portuguesa.”

centaunes@expresso.imprensa.pt



Hotel Altis fechado há quase um ano. “Custa muito ver”, diz o dono

O hotel de cinco estrelas está parado desde março do ano passado, o que nunca aconteceu desde que foi fundado em 1973

Na penumbra, o cenário é fantasmagórico: sofá, mesa, candeeiros e até o piano estão cobertos com panos brancos. A galeria junto ao bar e com vista para o lobby, que costuma ser concorrida e animada, é agora um deserto escuro de móveis tapados e com um silêncio ensurdecedor. O Hotel Altis, em Lisboa, está fechado desde março do ano passado, altura em que começou a pandemia de covid-19 em Portugal, e os seus 250 trabalhadores permanecem em casa.

“Custa muito ver isto assim”, confessa Raul Martins, dono do hotel localizado na Rua Castilho, que mantém o seu escritório pessoal no edifício. “Para ir ao meu gabinete já não entro pela receção, é muito duro para mim. Agora entro pelo lado do garagem, que tem uma porta que dá para a rua, só para não ver”, adianta.

O cenário de móveis tapados com mantas brancas repete-se percorrendo os vários pisos do hotel de cinco estrelas. Muitos dos seus 300 quartos estão com os colchões levantados, e os corredores alandados têm as portas todas abertas para o ar circular, deturpando a vista as zonas de serviço, com caixotes de lixo e apetrechos de limpeza, aos quais só o pessoal costuma ter acesso.

“Tapámos tudo com panos logo em março, teve de ser, o pó que se cria é uma coisa impressionante”, refere Raul Martins, antecipando que quando o hotel puder reabrir as portas “vai ser preciso uma semana inteira para limpar isto tudo”.

Piscina sem água pela primeira vez há quase meio século
A sala Rio de Janeiro, onde os hóspedes costumavam tomar o pequeno-almoço, parece agora um armazém, com centenas de cadeiras de pernas para o ar em cima das mesas, à espera de melhores dias para poderem cumprir a sua função. O mais bizarro é ver no piso térreo a piscina sem água, devido às restrições impostas pela situação sanitária, coisa que nunca tinha acontecido em quase meio século de vida do hotel.

Para o Hotel Altis, é uma situação completamente inédita estar com a atividade parada e sobretudo por tanto tempo. “Nunca estvemos fechados, nem a seguir ao 25 de Abril, porque nessa altura tivemos aqui os retornados das ex-colónias”, lembra o proprietário.

O hotel abriu em novembro de 1972, fundado por Fernando Martins (pai de Raul Martins), que foi presidente do Benfica e faleceu em 2012, aos 96 anos. Nunca chegou a ter inauguração oficial,

Turismo português reduzido a um terço em 2020

A pandemia castigou fortemente o turismo português em 2020, fazendo cair os proventos da hotelaria em quase dois terços relativamente ao exercício anterior — segundo revelam os dados definitivos do ano passado divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE). No total do ano, os alojamentos turísticos registaram 10,5 milhões de hóspedes e 26 milhões de dormidas, o equivalente a quebras de 61,3% e de 63%. E as receitas baixaram 67%, ficando-se em €1457 milhões. O turismo interno, apesar de ter sido a “tábua de salvação” dos hotéis no ano em que apareceu a covid-19, caiu 35% em relação a 2019, não indo além de 13,6 milhões de dormidas. Sem surpresas, a queda mais abrupta verificou-se ao nível dos estrangeiros, cujas dormidas desceram quase 75%, para 12,3 milhões, o valor mais baixo desde há 36 anos. As cidades mais afetadas pela paragem turística gerada pela pandemia foram, em primeiro lugar, Fátima, destino que vive de aglomerações e onde os hotéis recuaram 78%, seguindo-se Ponta Delgada, nos Açores, com menos 76%. Lisboa, com uma queda de 75%, Porto, com menos 72%, Funchal, na Madeira, com uma descida de 68%, e Albufeira, no Algarve, com uma redução de 67%.

que estava prevista para 13 de junho de 1974. “Porque o meu pai era muito devoto do São António”, mas entretanto ocorreu a revolução do 25 de Abril.

Com os partidos políticos a celebrarem vitórias eleitorais no Altis, o hotel em Lisboa foi ganhando uma notoriedade crescente desde o pós-revolução, “porque nós não estávamos associados com o regime”, explica Raul Martins, lembrando que o seu avô paierno, António Martins, “foi companheiro de rua do fundador do PS, Teófilo Carvalho Santos, e andaram juntos nas lutas republicanas no tempo da monarquia”.

Ter a Amália Rodrigues lá a cantar também deu fama ao Altis, onde a Aliança Democrática (AD) viria a celebrar a vitória eleitoral. “Foi daqui que saiu o Si Carneiro para apalhar o avião para o Porto”, recorda Raul Martins. Nos novos tempos de covid, qual a previsão de reabertura para o hotel? “Quando me perguntam isso, dou uma resposta simples: abrimos quando tivermos clientes”.

UMA HOTEL EM CONFINAMENTO NO CENTRO DE LISBOA
O Hotel Altis, na Rua Castilho, está fechado desde 20 de março de 2020, devido à pandemia de covid-19 — tal como muitos outros na cidade. Os seus 300 quartos têm estado com colchões ao alto, os móveis cobertos com panos para não apanharem pó e os 250 trabalhadores em casa.

AHP PROPÕE AO GOVERNO NOVO PACOTE ANTICOID

- Criação de linhas de crédito específicas para a hotelaria, para cobrir custos fixos que os hotéis têm de manter mesmo estando fechados, como taxas de água, de eletricidade, seguros, manutenção, vigilância, entre outras
- Alargamento das moratórias das linhas covid e outros créditos bancários (cujo período de carência termina em setembro de 2021) por mais três anos, pelo menos, e com início de amortização em 2024 a taxas de juro “reduzidas e estáveis, tendencialmente a 0%”
- Isenção de pagamento da taxa social única (TSU) sobre todos os trabalhadores em lay-off para hotéis com quebras de faturação de mais de 75% e suspensão de pagamento da TSU durante um ano em relação aos trabalhadores que voltem à atividade das suas funções ou que venham a ser contratados na reabertura do turismo
- A possibilidade de os portugueses deduzirem o IVA de despesas relacionadas com turismo e lazer em 2021 (2022), na declaração de IRS entregue nos anos seguintes
- Isenção de taxas e impostos municipais para os hotéis durante um ano
- Programa de testes rápidos gratuitos em todos os aeroportos nacionais, portos ou estações de comboios à chegada ao país
- Entradas gratuitas em museus e outras atrações durante dois anos